

Morar lá em cima é tudo

Associação
da Comunidade
Tradicional
do Morro
das Andorinhas



Eliana Leite

Morar lá em cima é tudo

Título: Morar lá em cima é tudo
Foto da capa: seu “Bichinho” e netos

Patrocínio: Copyhouse
Projeto gráfico e diagramação: Daniel Pandino

Morar lá em cima é tudo/Leite, Eliana (org.)
Rio de Janeiro: Copyhouse, 2003

1. Comunidade Tradicional. 2. Morro das
Andorinhas. 3. Justiça Ambiental.

Proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio ou processo, seja reprográfico, fotográfico, gráfico, microfilmagem etc. Estas proibições aplicam-se também às características gráficas e/ou editoriais. A violação dos direitos autorais é punível como crime (Código Penal; Lei 6895/80 e Lei 9610/98 Lei dos Direitos Autorais).

Maio 2003

*“Lá é o nosso paraíso.
Não dá para descrever, é fascinante...
Acordamos e dizemos:
é o lugar mais maravilhoso do mundo,
não existe lugar no mundo melhor do que este.
É o nosso mundo, nosso habitat.
Na nossa infância, não tínhamos limites,
estávamos soltos, não havia muros,
não havia obstáculos.
Queremos que nossas crianças possam
conviver com a mesma harmonia.
A melhor lembrança era a reunião com
toda a família à noite, os tios, os primos.
Não havia luz, nem televisão.
Conversávamos todos os dias,
às vezes até às 2 da manhã,
contando histórias de Itaipu.
A lamparina deixava nossos
rostos pretos como carvão.
Temos uma história bonita”.*

Depoimento de “Tidi”, nativo do Morro das Andorinhas

“Morar lá em cima é tudo”.
Depoimento de Vanda Silva de Souza, nativa do Morro das Andorinhas

Mar, lagoa, dunas (sambaquis), costões rochosos e vegetação remanescente de Mata Atlântica, emoldurados pelo sol, que se revela mágico em seu maior momento, ao cair da tarde, formam cenário perfeito pela diversidade natural dos ecossistemas que integram Itaipu. Mais que cenário, mais que perfeito resiste ainda o universo cultural de sua comunidade tradicional de pescadores, integrados a esse ambiente há várias gerações. Hoje, pressionada e até mesmo encurralada pela especulação imobiliária, sua resistência, sua representação remanescente mantém núcleos no Morro das Andorinhas e no canto da praia de Itaipu, também violentada em sua integridade natural, rasgada ao meio por um canal artificial, marca indesejável dos novos tempos, cicatriz também no tecido cultural de sua referência tradicional. Aenseada de Itaipu, com suas águas tranqüilas, enseja e determina o tipo de pesca ali praticada há séculos, com suas características singulares, definindo o uso e a ocupação do mar e da praia dividida, sem marcos físicos aparentes, em pontos ou portos de pesca. Ainda resiste o saber tradicional da comunidade de Itaipu, com suas representações locais, seus ritos de identidade, seu capital simbólico. Mas, Itaipu era uma praia só...

Hoje, a resistência se concentra na Associação da Comunidade Tradicional do Morro das Andorinhas, que luta pela garantia de sua inserção social diante das atuais ocupações, conquistando parcerias junto a outras representações da sociedade local, demonstrando garra e determinação no exercício da cidadania comunitária. A esse esforço soma-se o envolvimento de pesquisadores e novos moradores, em face do encantamento pela tradição local.

“Morar lá em cima é tudo” surge como instrumento legítimo em defesa da comunidade tradicional do Morro das Andorinhas e do canto de Itaipu, como documento etnográfico, como registro encantador da memória local para as atuais e futuras gerações. Surge forte, belo e panfletário para uma causa ainda não perdida. Conta, certamente, com as bênçãos de personagens de sua história ainda presentes na memória de seu grupo. Com as bênçãos de **Seu Manoel, Seu Caboclo, Zequinha (de Nazaré), Seu Oscar, Natalino, Zequinha...**

Laura França
Jornalista

Comunidade Tradicional do Morro das Andorinhas

Comunidade tradicional grande parte dos ecossistemas naturais brasileiros são habitados por populações tradicionais, como pescadores artesanais, índios, quilombolas, seringueiros, caboclos, ribeirinhos, caiçaras. As áreas ocupadas por essas populações são muito ricas em diversidade biológica, o que pode tanto ser uma fortuna como uma tragédia para essas populações pelo interesse que essa riqueza desperta.

Morro das Andorinhas localizado em Itaipu, bairro de Niterói, Rio de Janeiro. O Morro das Andorinhas apresenta uma vegetação de Mata Atlântica que se desenvolve entremeada a afloramentos rochosos à beira-mar. Segundo os antigos, a origem do nome está relacionada a uma fenda situada na “chapada” conhecida como Buraco das Andorinhas, que também é um ponto de pesca. Do alto do Morro das Andorinhas se avistam os cardumes e se tem uma boa percepção do mar. Toda uma cultura a respeito do lugar, dos ventos, das marés, das luas e dos sóis, dos peixes e das aves foi desenvolvida a partir desse recanto.

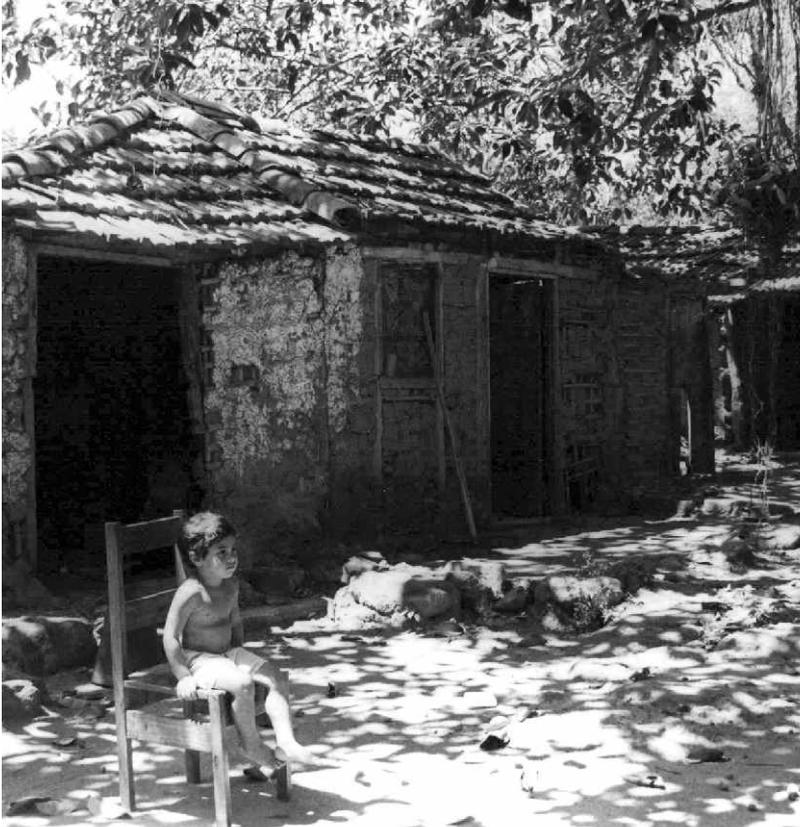


Praia de Itacoatiara, Costão de Itacoatiara e Serra da Tiririca avistados do alto do Morro das Andorinhas.



Comunidade tradicional do Morro das Andorinhas no topo do Morro das Andorinhas, em região próxima à praia de Itaipu, encontram-se 14 casas pertencentes a uma comunidade cuja história de presença no local está estimada a partir de 1870. Notem-se as telhas francesas e o estilo colonial das casas centenárias. As telhas de “coxas”, feitas artesanalmente, foram gradativamente substituídas, podendo, ainda, se encontrar alguns exemplares.





A história da comunidade - Leonel de Siqueira da Silva e Marianna Agapita Dias de Gusmão deram início ao núcleo. Leonel era português e Agapita, uma índia que ele conheceu em viagem e trouxe para viver ao seu lado no Morro das Andorinhas. Leonel e Agapita tiveram seis filhos: Arcenio (“Cecena”), “Tachinho”, “Meco”, Solino, Olga e Manoel. A comunidade é formada por descendentes desses antigos moradores.

O morro - ao escolher o Morro das Andorinhas como moradia, os antigos moradores buscavam abrigo, proteção, beleza e tranquilidade. Os descendentes do primeiro casal se dedicavam à pesca artesanal e à agricultura de subsistência, produzindo mandioca, milho, feijão e café. Segundo os antigos, naquela época “só se comprava sal e querosene”.





Casa de “Meco”, ao abrigo da mata. As casas da comunidade se confundem com a vegetação da Mata Atlântica. A comunidade tradicional ajuda a preservar os recursos florestais do local, evitando desmatamentos e replantando espécies nativas.



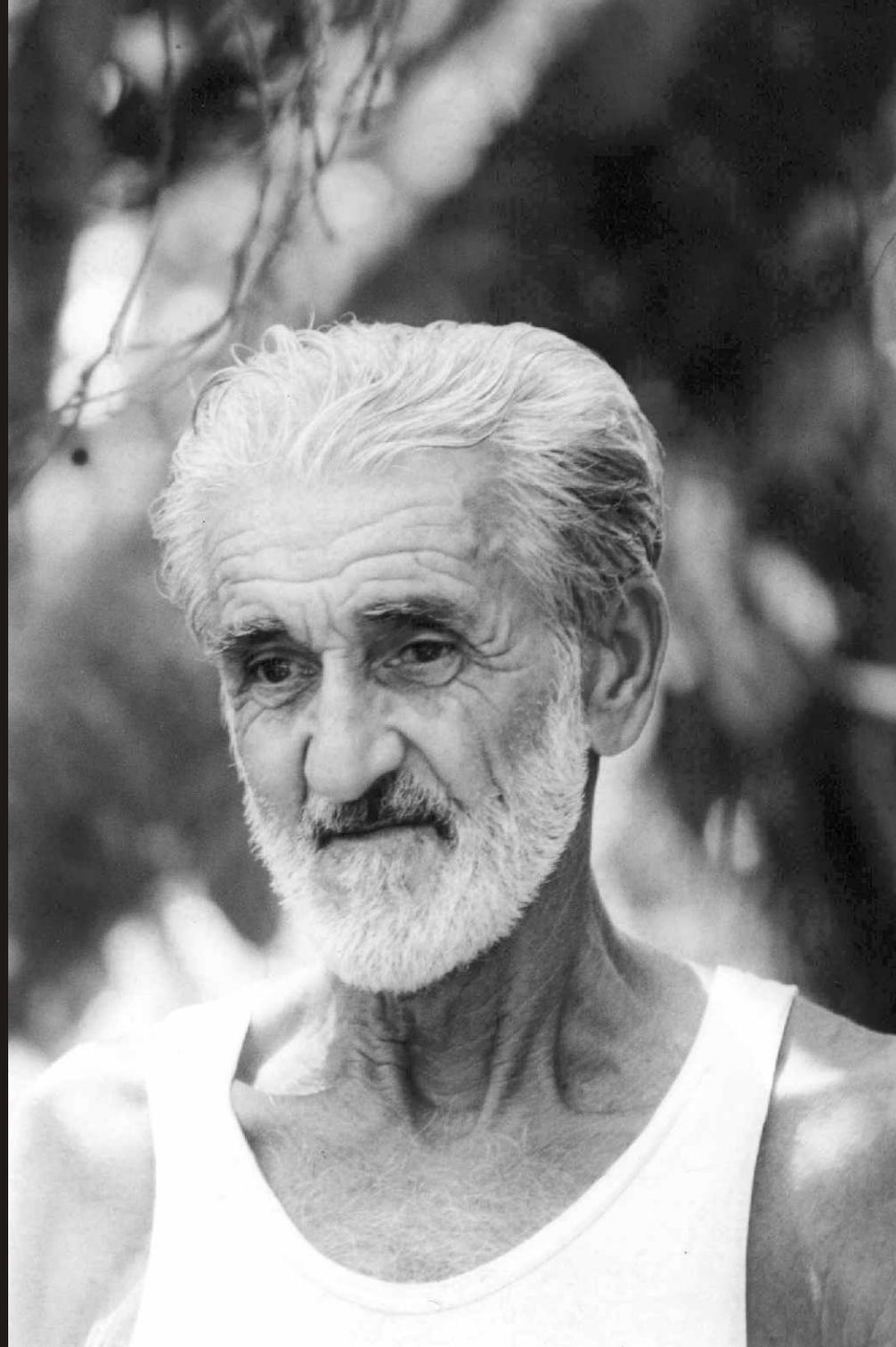
Da esquerda para a direita, Marcos, "Mimico", "Tidi" e Márcio. Note-se um antigo pilão. O pilão era utilizado para socar café, mandioca e milho.

Às comunidades tradicionais se aplicam princípios do Direito Internacional, de que o Brasil é signatário, como a Convenção sobre Diversidade Biológica e Resoluções da Organização Internacional do Trabalho. Entre esses direitos reconhecidos se inclui o princípio de auto-determinação:

- direito de controle da terra e território;
- direito de acesso ao recurso tradicional;
- direito aos lugares sagrados;
- direito ao conhecimento próprio (direito de determinar o uso, a proteção e a compensação para o seu conhecimento e tradições);
- direito de preservar a língua, simbolismos e modos de expressão locais.

“A biodiversidade existente hoje no mundo é em grande parte gerada e garantida pelas chamadas populações tradicionais. Neste sentido, a conservação da diversidade biológica e cultural devem caminhar juntas”.¹

¹ DIEQUES, Antônio Carlos Sant’Ana. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: NUPAUB- Universidade de São Paulo, 1994





***Moringas antigas.** As moringas eram úteis no trabalho na agricultura, na pesca e nas caminhadas, mantendo a água fresca.*



Poço de pedra. A comunidade se abastece com a água de vários poços deste tipo.



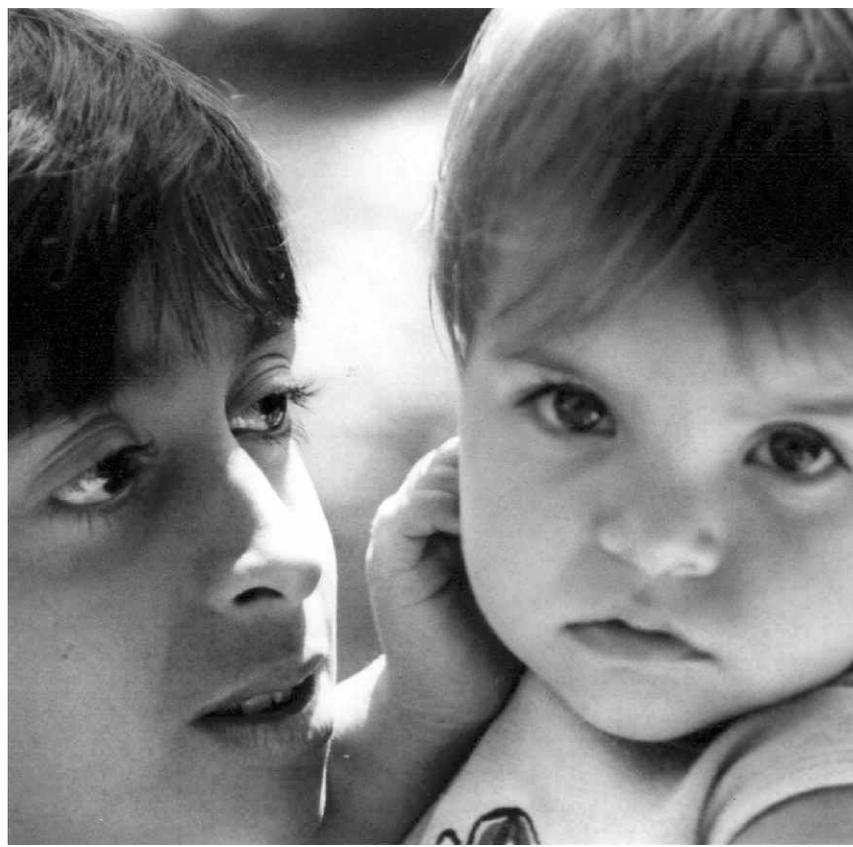
Aída foi pescadora.



Da esquerda para direita, Néia, Vanda, Nilda.



João Lucas



Da esquerda para direita, Tiago e Júlia.



“Há gente que fala “nóis vai” e sabe para onde vai. Há gente que fala “nós vamos” e não sabe para onde vai. Essas populações, como as do Morro das Andorinhas, desenvolveram todo um conjunto de conhecimentos necessários para reproduzirem suas vidas, conhecimentos esses produzidos em condições tais e tão específicos que, entretanto, se colocam como extremamente importantes nesse momento em que descobrimos a importância da diversidade biológica e das paisagens. São populações que não vivem de falar sobre o que fazem, pois seu fazer não é ligado ao falar e ao escrever. Muitas vezes são, por isso, avaliadas como se fossem ignorantes e nada soubessem. Todavia, se não soubessem não pescavam, não plantavam, posto que para pescar e para plantar é necessário saber. O saber deles está inscrito no seu fazer e não escrito. Para saber ler o que está inscrito no seu fazer é preciso saber ler e, para isso, saber valorizar aqueles que trabalham com as mãos além do cérebro e não somente aqueles que trabalham com a cabeça. Na verdade, o saber está inscrito na vida. O ser vivo que não sabe ler o ambiente para dele obter seu alimento não sobrevive. Se sobrevive é por que sabe. Saber e sabor sempre andam juntos. “As coisas estão no mundo/ Só que eu preciso aprender”, nos ensina o poeta filósofo Paulinho da Viola. A humanidade, com certeza, fica mais pobre sempre que desaparece uma comunidade de saber, de sabor, seja ela qual for. Vida longa para a Comunidade do Morro das Andorinhas!”

Carlos Walter Porto Gonçalves
Niterói, maio de 2003



Referências:

Achutti, Luiz Eduardo Robinson. 1997. Fotoetnografia. Tomo Editorial, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Certidão de nascimento de Arcenio Siqueira da Silva, registrada em 1890 no cartório Jorge Rufino - 5ª Zona Judiciária, 2º Distrito, outrora 3º G Distrito de São Gonçalo, Comarca de Niterói.

Depoimentos de membros da comunidade do Morro das Andorinhas.

LEMTO Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades da UFF.

NUFEP - Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas da Universidade Federal Fluminense.

Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Código de Ética e Normas Práticas da Sociedade Internacional de Etnobiologia. 1996.

Viana, Virgílio M. 2000. Envolvimento Sustentável e Conservação das Florestas Brasileiras. Professor do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

Foto e legendas: Eliana Conde Barroso Leite. Engenheira agrônoma, pós-graduada em Planejamento Ambiental pela Universidade Federal Fluminense.

Referência Técnica:

As fotografias foram feitas através de uma câmera Nikon N50, com duas lentes Nikon 35-80 mm e 80-200 mm. Todas as fotografias foram feitas nos anos de 2002 e 2003.

Agradecimento:

Carlos Walter Porto Gonçalves. Geógrafo. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF.

Patrocínio:

Copy House Serviços Reprográficos



copyhouse

Este trabalho foi confeccionado em
Amerigo BT 17/52 e Trebuchet MS 9/11
e impresso na Copy House.

Saber e sabor sempre andam juntos.
“As coisas estão no mundo/ Só que eu
preciso aprender”, nos ensina o poeta
filósofo Paulinho da Viola. A
humanidade, com certeza, fica mais
pobre sempre que desaparece uma
comunidade de saber, de sabor, seja ela
qual for. Vida longa para a Comunidade
do Morro das Andorinhas!

Carlos Walter Porto Gonçalves